

A Grécia volta ao cenário

Os tempos não poderiam ser mais infelizes para receber notícias negativas sobre a crise na Grécia. Após alguns meses no congelador, a questão da moratória e de uma possível saída grega da esfera do euro está, uma vez mais, a lançar o alarme na Europa. Mas agora isso é combinado com as explosões das primeiras semanas de Trump na Casa Branca, bem como os altos e baixos nas negociações do Brexit e as perspectivas de eleições na França, Holanda e Alemanha nos próximos meses. Este turbilhão de acontecimentos corre o risco de prejudicar o resultado das negociações sobre o “salvamento” na Grécia e as suas consequências.

A gravidade do problema que a economia grega enfrenta não deve surpreender ninguém. Para aqueles que acompanharam de perto a crise na zona euro, não é novidade ver o tsunami de maturidades que se aproxima este Verão e que não pode ser facilmente contido. Há já algum tempo que observamos como as decisões tomadas pela Comissão Europeia e pelos credores consistiram simplesmente, como se costuma dizer, em fazer cera para ganhar tempo. Bem, o tempo parece ter-se esgotado e o tempo das decisões chegou.

A primeira observação é que os programas de salvamento para a economia grega não funcionaram. A economia ainda é incapaz de retornar a algo que se assemelha a um caminho de crescimento. No ano passado, o PIB apresentou uma taxa de crescimento positiva, mas ainda num intervalo muito medíocre (0,6%). E as reivindicações triunfalistas de uma saída da recessão (do ministro das Finanças, Giorgos Stathakis) são mais propaganda do que o resultado de uma avaliação rigorosa do desempenho económico do seu país.

O facto é que o colapso económico que durou de 2008 a 2015 equivale a uma perda real no nível do PIB de mais de 25 por cento. E o desemprego permanece em 28%, um nível comparável ao

da Grande Depressão. O nível de vida da população tem sofrido em tudo, desde os serviços de saúde até o consumo de alimentos.

A nível macroeconómico, os tecnocratas amigos da austeridade fiscal sempre justificaram os seus pacotes draconianos com o argumento de que o nível de endividamento da economia grega seria gradualmente reduzido. Mas hoje constatamos que não só este resultado não foi alcançado, como não será possível alcançá-lo no quadro das políticas atuais. Quando os programas de resgate foram lançados em 2010, esperava-se que o rácio dívida/PIB aumentasse de 115% para um nível próximo de 150% em 2015, devido ao peso dos objectivos de austeridade (excedente primário) na economia grega. Hoje, no entanto, o rácio dívida/PIB está acima da marca dos 176 por cento. É evidente que o programa de ajustamento imposto pela troika na Grécia conduziu a um círculo vicioso que gera menos crescimento e mais dívida. Esse programa está fora de controle.

Este verão Atenas enfrenta vencimentos de mais de 10.500 milhões de euros e não tem capacidade para pagar. Um relatório técnico elaborado por funcionários do Fundo Monetário Internacional conclui que, nas condições atuais, a economia grega não será capaz de cumprir as metas de crescimento que lhe permitirão fazer o serviço da dívida. O Fundo não acredita que Atenas possa alcançar um excedente primário de 3,5% do PIB e, ao mesmo tempo, crescer em 2017. E, nestas circunstâncias, os protocolos do FMI obrigá-lo-ão a não participar num novo pacote de resgate a par das instituições europeias.

Na última ronda de negociações, o FMI argumentou que a Grécia só poderia voltar a crescer e reduzir o seu rácio da dívida se fosse feita uma redução significativa do montante da sua dívida. Mas o FMI sabe que a Comissão Europeia não aprovará um alívio da dívida e continuará a pressionar Atenas, quase ao ponto de ser expulsa da zona euro. Nos últimos meses, o Governo grego desistiu de algumas promessas feitas aos seus credores, o que poluiu ainda mais a atmosfera tensa das

negociações. Para a Alemanha, os Países Baixos e a Finlândia, a situação é propícia à expulsão de Atenas da união monetária. Os seus cálculos poderão conduzir a um resultado muito negativo para o euro e para todo o projeto europeu.

Após sete anos de austeridade orçamental implacável e de um programa de privatizações e “reformas estruturais”, a Grécia continua a sofrer a pior crise vivida por uma economia desenvolvida. E o desastre só se aprofunda e se espalha. Parece que já vimos esta tragédia muitas vezes antes. Mas desta vez as coisas podem ser diferentes. Tsipras e seu partido podem chegar ao limite e quebrar o fio condutor que pende sobre a permanência da Grécia no euro. Depois do golpe do Brexit, o Grexit pode ser fatal para o euro. Mas depois de oito anos de castigo, é talvez a melhor saída para a Grécia.

Original: [La Jornada](#)